



SIMON BOLIVAR EM 'O GENERAL EM SEU LABIRINTO'

Renata Nazario Lopes¹

“Não há nada mais perigoso do que a memória escrita.” A frase falada por Simón Bolívar ao seu eterno amigo e serviçal José Palácios no romance “O General em seu labirinto” do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, talvez ajude a explicar por que o general tenha escrito em toda a sua vida por volta de mais de dez mil cartas, algo que o autor usou em sua pesquisa para escrever seu romance. Este retrata, de forma ficcional, os últimos meses de vida do general Simón Bolívar, também conhecido como “O Libertador” (24 de julho 1783 – 17 de agosto de 1850, foi um revolucionário venezuelano responsável pela independência em relação ao império espanhol de diversos países da América Latina como a Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia. A narrativa segue a sua viagem até à Europa e depende muito das memórias que o general vai evocando e das suas conversas com o seu companheiro de viagem, José Palacios.

Na carta de agradecimento do final da edição, Gabo afirma que para a escrita do livro houve todo um processo de coleta de informações históricas e análise de um acervo (os 34 volumes de uma biografia de Bolívar publicada por Daniel Florencio O’Leary teriam sido usadas como referência). Dá para ver a preocupação do escritor em trazer veracidade à história e torna-la o mais próximo possível da narrativa biográfica, por exemplo, na anexação ao final da edição de uma cronologia sucinta da vida de Simón Bolívar, elaborada pelo historiador venezuelano Vinicio Romero Martinez; e pelos constantes lembretes oferecidos pelo narrador ao leitor para que este encare àquele texto como sendo essencialmente documental e não puramente ficcional, como em: “O coronel Wilson referiu este episódio a um cronista da época, que não se deu o incômodo de recordá-lo.”

Gabriel Garcia Márquez ainda tenta apresentar alguns dos principais conflitos e ideias de Bolívar, diretamente e plenamente através dos pensamentos do general e dos seus acompanhantes. Sendo assim em O general em seu labirinto, não se tem a presença do

¹ Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: renata.13music@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8682-5331.

glorioso Bolívar, aclamado no ano de 1813 como Libertador da Venezuela, ou o grande personagem da história da América Latina, mas um Bolívar desconhecido.



Márquez apresenta um comandante que agora pertence ao passado, que relembra os seus tempos de glória. Desde as primeiras páginas o personagem deixa evidente que morrerá, tendo um processo de humanização e fazendo com que o leitor tenha uma aproximação com um Bolívar após os louros de sua carreira. Doença, fragilidade e cansaço são intempéries da vida que atingem ao humano Bolívar e não ao seu mito. Detalhes esses que são extremamente bem elaborados por Gabriel García Márquez e que passam a somar a imagem coletiva do grande Libertador. O autor não só demonstra os elementos de fragilidade, mas também elementos como o amor e amizade. José Palácios não é somente o “servidor mais antigo”, mas é também digno de estar presente no fim da história.

García Márquez destaca ainda a grande relação do general e suas inúmeras mulheres, entre elas o grande amor de sua vida, Manuela Sáenz, que o acompanha nos

últimos dias de sua vida, mesmo que em pensamento, e as suas amantes, que buscava inutilmente esconder. Todas essas personagens que giram em torno do grande general morrem sem a glória de um dia antes desfrutada, e ainda reforçam a decadência de um Bolívar abandonando.

Outra coisa que Márquez coloca em seu romance e que o leitor pode se surpreender ao ler são as histórias paralelas a do General, estas histórias de simples personagens. Um caso a se citar no livro é o da cozinheira Fernanda Barriga, uma “índia plácida, gorda, tagarela”, que ocupava um papel de destaque na vida do General.

Chamada por Carreño especialmente para cuidar da falta de apetite de Bolívar durante a viagem de exílio, pelo rio Magdalena, do General, já que é o servo que é “cúmplice em tudo”. Ele é uma espécie de secretário que desempenha o papel de confidente, “José Palácios sabia o quanto o general era sensível”, “o viu lutando para conter as lágrimas”. Para Palácios a maior herança, portanto, é morrer com o General.

Na última frase do Libertador: “Carajos! Como vou sair deste labirinto?”, algo que não se tem certeza nem se foi realmente a última frase proferida no leito de morte por Bolívar, pode servir como uma boa metáfora para a confusão interessante que se estabelece na narrativa do romance: afinal em que labirinto está a imagem personificada do general venezuelano recriado por García Márquez: preso à sua representação biográfica ou caminhando sem perceber pelos limites da ficção?

Referências Bibliográficas

Garcia Márquez, Gabriel. O general em seu labirinto. Galera Record,1989. Acesso: <https://andsekkel.wordpress.com/2009/07/27/o-general-em-seu-labirinto/>